

12ª edição

DF  
L E T R A S  
D I



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL ANO I Nº 12 Brasília, 30 de junho de 1994

**Idéias,  
Imagens,  
palavras**



Encarte especial  
**Os poetas**

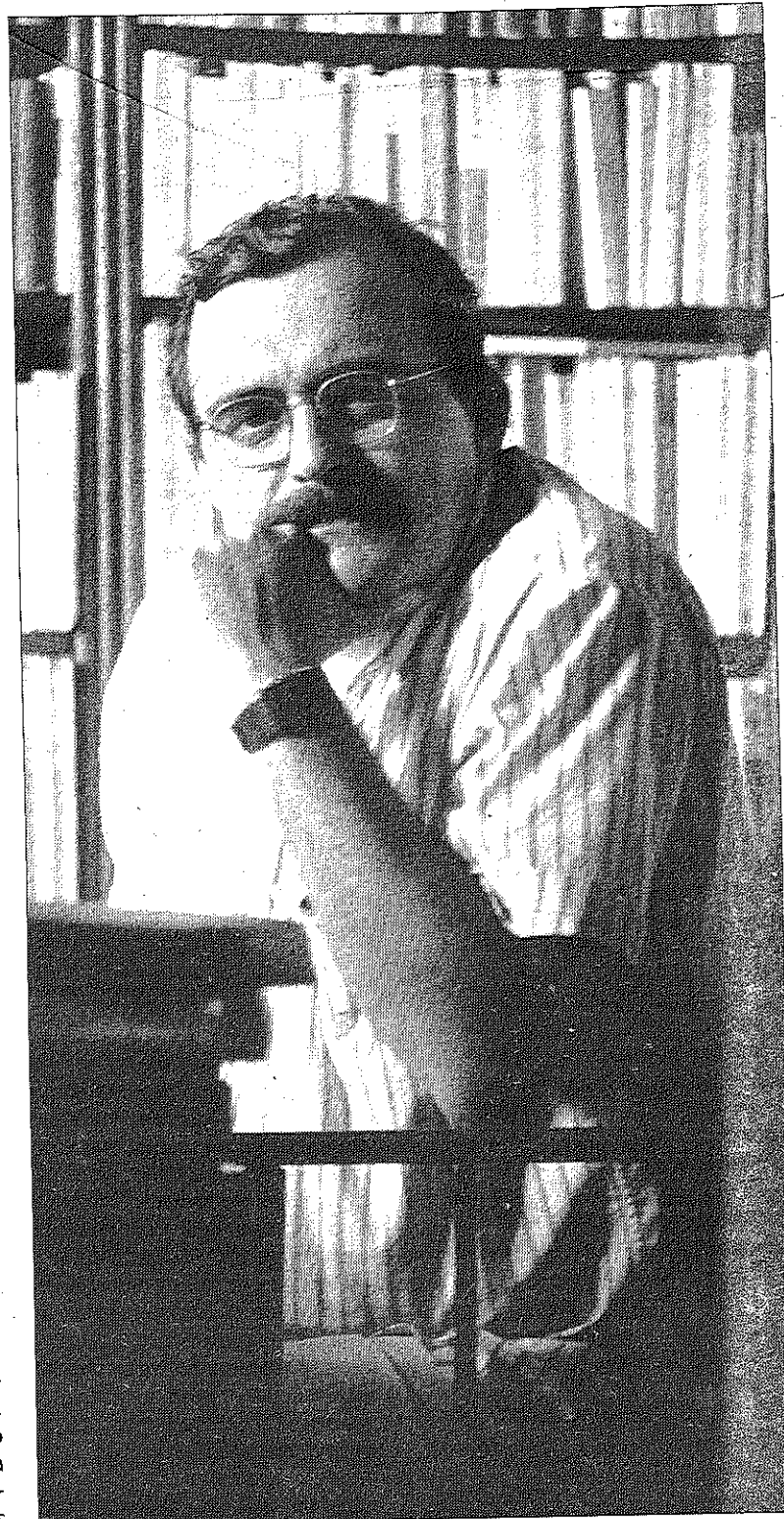
*Filipe*

# O DF Letras é uma necessidade sócio-cultural

“A velha compulsão literária da vida inteira” levou o escritor e historiador Paulo Bertran a sugerir a criação do “DF Letras”. Em sua 12ª edição o tablóide, segundo seu inspirador, demonstra “vitalidade” e tem tudo para dobrar em pouco tempo a sua tiragem de quatro mil exemplares. “O DF-Letras é uma necessidade sócio-cultural não só de Brasília, mas de um País inteiro ávido por expressões culturais e literárias”, observa.

Autor do livro “História da

Terra e do Homem do Planalto Central” que será lançado nos próximos dias, Bertran acha que “a plena identidade cultural de Brasília deve vir depois da virada do século”. Hoje, enfatiza, já se detecta uma prosódia peculiar na Capital do País. “Já há uma identidade linguística, que é uma condição fundamental da socialização da cultura, da identidade global”, teoriza. Bertran, nesta entrevista, fala também de suas pesquisas históricas.



“O DF Letras é uma necessidade sócio-cultural do País”

Paulo Bertran

O que o inspirou a sugerir a criação do DF Letras?

Acho que foi primeiramente a velha compulsão literária da vida inteira... E a preocupação com a identidade cultural de Brasília e com a região do cerrado, que a qualquer momento desses rompe a crisálida e consolida-se culturalmente. Aí o DF-Letras está a postos na sala de parto, imaginando. Ajudou muito na criação do DF-Letras a predisposição favorável — até mesmo entusiástica do Salviano Guimarães quando

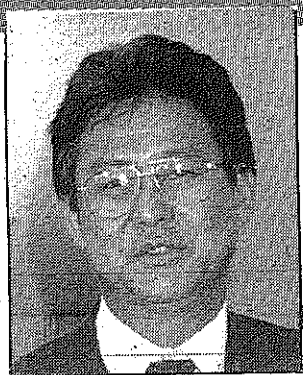
presidente da Câmara e na consolidação foi uma sorte contar com a deputada Rose Mary Miranda, que é escritora, poetisa, do ramo...

Como o Sr. analisa hoje a publicação que, em sua 12ª edição, já passa de mais de quatro mil assinaturas em todo o País?

O DF-Letras é uma necessidade sócio-cultural não só de Brasília, mas de um País inteiro ávido por expressões culturais e

literárias. Acompanhei o projeto até o sexto ou sétimo número e já tinha uns dois mil assinantes. Depois o Nelson Pantoja segurou firme e dobrou o número. Sinal de vitalidade do diabo do jornalzinho. Quando melhorar a crise nacional e as pessoas tiverem tempo de ler, as assinaturas devem dobrar, triplicar. Na minha opinião, o importante hoje é que o DF-Letras cresça e sobreviva, se possível com qualidade, aos percalços e colisões deste estranho País.

O Sr. está publicando um



Aroldo Satake  
- PP

## Cultura candanga identifica Brasília

Brasília ainda não descobriu sua identidade cultural. Para cá vieram brasileiros de todas as regiões e com eles as tradições. O gaúcho trouxe os Centros de Tradições Gaúchas com seu folclore peculiar; o pantaneiro chegou com seus boitatás e curupiras; o nordestino com o seu artesanato de grande originalidade; o amazonense com a lenda do boto e seus descendentes; o carioca com sua ginga e seu samba no pé; e o mineiro veio com seu jeito matreiro,

nada disse e tudo observou para só então tomar conta da cidade. Tudo isso aconteceu no centro do Planalto Central, de domínio goiano. Desta mistura é que vem a cultura candanga, que deverá ser a mais rica do País por ser mescla de todas essas influências, além daquelas que chegam através das representações oficiais dos países que mantêm relações diplomáticas com o Brasil. Esta cultura candanga só se manifestará se as autoridades locais

começarem a difundir, através das Fundações Cultural e Educacional do Distrito Federal, as histórias e estórias que fazem do DF um pólo congregador de manifestações artísticas e regionais. A cultura local sofre com as interferências de alguns homens que não têm compromisso com a cidade. Mas os verdadeiros candangos, aqueles que amam a cidade, saberão transformá-la na capital do terceiro milênio e, com certeza, farão florescer a nossa verdadeira cultura.

livro. Qual é a abordagem? Qual o tema? Quando ele sai?

Chama-se "História da Terra e do Homem no Planalto Central". Tem subtítulo que explica um pouco a abordagem, que é uma maneira de contar a história humana em interação com a história do meio ambiente "Eco-História do Distrito Federal". Meu livro resulta de uma pesquisa enorme de sete anos e responde um pouco ao que ocorre às pessoas em matéria da história regional. Tem história geológica, história do indígena, arqueologia, bandeirantes, história da colonização pecuária e aurífera, a toponímia histórica, as sesmarias e os viajantes coloniais, etc... O livro tem umas 400 páginas e só consegui ir neste volume até o fim do período colonial, até 1821, com a independência.

A TERRACAP está custeando a publicação, que surge também em comemoração aos 21 anos da empresa, talvez a maior agência imobiliária do País ao longo desse tempo.

Gosto desse livro. Tanto foi trabalhoso quanto prazeroso de escrever. O Distrito Federal e o Entorno surgem da pesquisa com uma densidade histórica insuspeitada, entrelaçada inteiramente com a história brasileira. Imagine que por todo lado no DF passavam estradas coloniais demandando lugares tão extremos como Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Cuiabá, Recife, São Luís e até Santa Maria de Belém do Grão Pará! Por sobre o Plano Piloto passava desde 1736 a Estrada Real demandando desde Salvador da Bahia até Vila Bela da Santíssima Trindade, no Rio Guaporé, fronteira com a Bolívia...

Nos anos de 1700 houve mais de 40 sesmarias de terras no Distrito Federal. Nos de 1800 algo como duas centenas de fazendas e toda essa movimentação agropecuária sumiu com a desapropriação das terras do DF por ocasião da construção da Capital. Daí a impressão que todos tínhamos de um deserto humano... ledo engano, aí do lado estão Planaltina, Brazlândia e Luziânia — para não falar em Pirenópolis e Corumbá — todas com populações tradicionalíssimas, que ainda conservam muitos traços culturais de dois séculos atrás. Para não dizer da herança indígena, que vem de uns 12.000 anos atrás...

Desculpe falar tanto, mas de fato estou no maior tesão com este livro... O lançamento sai na

primeira semana de agosto, não sei exatamente quando e onde...

Discute-se muito a identidade cultural de Brasília. Na condição de historiador, de uma pessoa que é muito ligada ao setor cultural, como o Sr. analisa esta questão?

Uma questão das mais complexas, que carece de pesquisas, de parâmetros, de maiores estudos. Há uns tempos atrás entrevistei para o DF-Letras uma filóloga, elegantíssima senhora, que pesquisou lá pelos anos 70, o falar de alunos das cidades-satélites. E todos já falavam uma prosódia peculiar a Brasília. Ou por outra, em casa falavam o sotaque dos pais e nas ruas o sotaque geral televisivo. Vinte anos depois daquela pesquisa a prosódia de Brasília já deve ter se consolidado. A gente não nota porque se acostuma... é mesmo estudo para especialista... Mas então já há uma identidade linguística, que é uma condição fundamental da socialização cultural, da identidade global.

Agora, não podemos exigir demais. São raríssimos os brasilienses com mais de 30 anos e a maturidade cultural costuma sobreviver em gerações com mais de 40.

Tem até a contraprova disto que nos leva a uma hipótese fascinante. É o caso da música em Brasília, que vem se revelando nacionalmente e que é uma questão histórica geracional. Acontece que a música se revela muito mais cedo que as outras artes, é coisa para gerações de 20 anos. Aí o sucesso de Brasília nessa área antecipa grandes esperanças para outras artes, quando as gerações brasilienses entram nos 40 anos.

Temos que ver também que a Capital, se comparada com outras cidades brasileiras do mesmo porte, é muitíssimo bem servida de meios educacionais e culturais... Tem uma coisa ao mesmo tempo cosmopolita e provinciana. Tem uma veia mística pronunciada, um milenarismo arraigado... São bons fermentos para a produção cultural...

Mas pelo fator geracional a que me referi, as gerações de 40 anos, a plena identidade cultural de Brasília deve vir depois da virada do século.

O Sr. é ligado ao meio universitário. O Sr. acha que a UNB está sintonizada com a dinamização da cultura do Centro-Oeste?

Timidamente, através da for-

**"A editora da UnB é uma grande editora, mas poderia ser mais abraçoada, sem com isso perder o que tem de bom, que é uma universalidade meio forçada"**

**Paulo Bertran**

mação de alunos que compõem a elite intelectual, senão do Centro-Oeste pelo menos do Distrito Federal.

Não é um problema específico da UNB, mas das Universidades Federais em geral, esse distanciamento do Regional e do local. Gera-se uma crise de comunicação das universidades com a sociedade, em que ambas perdem. E por último, as universidades entraram num corporativismo terrível, num doutoralismo compulsivo, num carreirismo pelo monopólio do saber que só pode agravar o problema de comunicação com a sociedade, esqueci-

da lá atrás, desprezada pelo dou-

torismo arrogante.

O que há de salutar e esperançoso é que os professores, os melhores entre eles, reconhecem o problema e tentam lutar contra.

Emblemático disto foi o convite que recebi, de um grupo de professores do Departamento de História da UNB, para fazer a aula inaugural da sua pós-graduação. Quer dizer, eu um simples escritor sendo ouvido pela elite de nossos historiadores...

Mas são coisas episódicas. Depois vem a estrutura rígida e abafa tudo. Tanto é sério esse problema que o Cristovam Buarque, no seu tempo de reitor criou os Núcleos de Estudos Multidisciplinares, para funcionar como um oxigenador do academicismo.

Tenho a felicidade de pertencer ao mais bem sucedido deles que é o Núcleo de Estudos da Amazônia, bem sucedido porque o pessoal vai a campo, convive com índios e ribeirinhos e acabou agenciando para eles projetos de desenvolvimento comunitário que já devem estar somando 1 milhão de dólares. Não é muito, mas é promissor. A grana é das ONGS, e acho que temos nessas Organizações Não-Governamentais um fato novo, estimulador de agenciar coisas, a um meio caminho entre as universidades e as comunidades.

Ainda sobre a UnB. O que o Sr. acha do papel desempenhado pela editora? Ela corresponde ao anseio cultural de Brasília? Não é muito acadêmica e por ser muito acadêmica não está distante das manifestações espontâneas de Brasília?

A editora da UnB é uma grande editora, tem publicado títulos de grande importância, mas é eminentemente acadêmica e nisso reflete a própria estrutura universitária da qual falei antes. Na minha opinião, vindo de fora, ela podia abrir uma linha editorial anexa mais flexível, mais democrática, mais regionalizada, até mesmo mais abraçoada, sem com isso perder o que hoje tem de bom, que é uma universalidade meio forçada.

Não diria que atendesse ao varejo, ao espontâneo, mas devemos, não só a EDUNB quanto as outras editoras universitárias publicar as teses de mestrado e doutorado de seus alunos e professores.

Acho um absurdo o Estado gastar milhões na formação de um mestre ou doutor e você não

ver sua tese publicada, não dar retorno nenhum, confiança nenhuma à sociedade que investiu nele. Não comunica, perde a confiança, trumbica.

Por falta de agilidade das editoras universitárias, professores e alunos passaram por um violento jejum de publicações, de comunicabilidade, e o DF-Letras beneficiou-se disso, passou a ser um espaço editorial alternativo para a produção universitária. Até hoje uma metade dos textos do DF-Letras é de extração universitária.

Com a publicação do "DF Letras" descobriu-se uma surpreendente produção literária no DF. O que o Sr. sugere às autoridades para dinamizar ainda mais estas manifestações?

Mais publicações, muitas mais. Com agilidade, simplicidade, eficiência e baixo custo, como é o caso do DF-Letras. Já passa da hora, por exemplo, do governo instituir uma Bolsa de Publicações de Livros que jogasse aí na praça 20, 30 títulos por ano, abastecendo o público e as escolas. Já é para ontem a instituição de concursos literários que premiassem com viagens, publicação de obras, até mesmo dinheiro. Brasília tem toda condição de lançar até concursos nacionais.

Tudo isto é barato, cultura é barato e tem um retorno social e econômico elevadíssimo.

Alguns países europeus tiram substanciais parcelas de suas rendas de vender cultura. E não é dizer que já tinham cultura espontaneamente, mas sim que foi incentivada, até mesmo como estratégia econômica, social e política, gerar cultura é gerar identidade coletiva, bem estar cerebral, qualidade de vida, equilíbrio emocional. Tão substantivo quanto a saúde e segurança e mais adjetivo talvez do que a educação, que na minha visão não é pré-condição de cultura. Educação é produto da cultura de um povo e não o contrário. Não adianta nada educar um povo inculto. Ele não vai saber como usar essa educação.

No século passado a Inglaterra "laureava" seus principais intelectuais com pequenas pensões vitalícias, para estimular os caras a produzirem a vida toda. Isso deve ter contribuído muito para tornar o inglês língua universal... Um exemplo para nós, não é? Mas enquanto não acontece, convide o distinto público do DF-Letras a adquirir meu novo livro, que eu garanto e que é para a gente também ir levando...

**"Meu livro resulta de uma pesquisa enorme de sete anos e responde um pouco ao que ocorre às pessoas em matéria de história regional"**